

## ENTRE MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES NA FUNABEM (VIÇOSA, 1964-1990)

Gisélia Maria Campos<sup>1</sup>

Resumo: As crianças e adolescentes carentes que viveram entre os anos de 1964 e 1989 na Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor – FUNABEM de Viçosa – foram o substrato social desta pesquisa. Ao trabalhar com suas memórias busquei compreender como significam seus viveres e experiências na instituição, e também fora dela, em outros espaços de sociabilidade. Palavras-chave: infância, memórias, sociabilidades.

Abstract: The teenagers and children that lived between the years of 1964 and 1989 at the Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor – the FUNABEM institute in Viçosa – are the social essence of this research. While working with their memories, I've tried to understand the meaning of their habits and experiences in the institution, and also outside, in other areas of sociability. Key-words: childhood, memories, sociability.

No presente artigo socializo algumas discussões que nortearam o desenvolvimento de minha pesquisa no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia, entre março de 2005 e fevereiro de 2007. Os supostos teórico-metodológicos do marxismo inglês contemporâneo, dos estudos culturais relacionados à ação dos sujeitos na história e à cultura como modo de viver e lutar no social foram caminhos que proporcionaram direção à pesquisa.

Durante o mestrado busquei compreender e discutir as experiências, os modos de viver e trabalhar de meninos pobres que viveram na FUNABEM de Viçosa, no intuito de repensar a problemática da infância e adolescência carentes no nosso país.

Nessa direção, trabalhei com fontes de naturezas sociais bastante distintas, tais como: fontes orais (entrevistas com ex-internos e ex-funcionários), fotografias, imprensa (Jornal da cidade de Viçosa: Folha da Mata; e periódicos produzidos pela própria instituição: “Boletim de Notícias” e “FUNABEM Destaque Especial”), prontuários, livros de ocorrência, correspondências recebidas de familiares e amigos e Atas da Câmara Municipal de Viçosa.

---

<sup>1</sup> Mestre em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia, Graduada em História pela Universidade Federal de Viçosa. Professora Substituta do CEFET – Uned Araxá. E-mail: giseliamaria.campos@gmail.com

Estas linguagens produzem muitas memórias sobre as práticas sociais vividas no passado por uma geração de crianças que se fizeram adultos, enfrentando muitas dificuldades e olhares estigmatizantes.

Para lidar com essa diversidade de fontes, dialoguei com os procedimentos teórico-metodológicos de Jesús Martín-Barbero (2004) e Beatriz Sarlo (2001), na medida em que constroem estratégias de leitura dos documentos.

A contribuição de Barbero (2004) está, principalmente, na advertência que nos faz sobre a necessidade de articularmos às nossas investigações, as condições de produção, circulação e consumo dos discursos presentes nos jornais e demais meios de comunicação.

O autor nos chama a atenção para o fato de que o jornal constitui-se um lugar onde a memória está sendo produzida por alguém e para alguém. Neste sentido, além de difundir notícias, também as fabrica, tendo em vista projetos que são desenhados e apresentados à sociedade conforme os interesses daqueles que fabricam as notícias:

Terão de fabricar uma vez mais a mentira que corre, a dúvida que se instala, e tanta boa gente, em tantas cidades e tanto campo de tanta terra nossa, abrirá o seu jornal, buscando sua verdade, e se encontrará com a mentira maquiada (BARBERO, 2004, p.76).

Diante destas advertências, assumi a postura de questionar constantemente os jornais pesquisados e duvidar dos discursos apresentados para uma melhor percepção de nosso objeto de estudo.

Ao mesmo tempo, inspirada pelos procedimentos adotados por Beatriz Sarlo (2001), meu propósito foi olhar politicamente as diferentes fontes com as quais dialoguei, na busca de desvendar seus projetos estético-ideológicos. Interessava-me saber como a FUNABEM de Viçosa e os sujeitos que lhes deram vida eram apresentados nos documentos, pois, conforme a autora nos adverte, por detrás da forma estética, isto é, da forma pela qual os fatos ou as pessoas aparecem nos jornais, por exemplo, há intenções políticas e projetos ideológicos em disputas na dinâmica social.

Tratava-se de compreender como eram construídas e disseminadas nos documentos as imagens e interpretações sobre a instituição, os internos e suas famílias; como davam visibilidade e permanência às suas construções; como tais interpretações estavam em conflito com as memórias dos entrevistados.

Dessa forma, busquei no diálogo com as fontes orais novas formas para se pensar os viveres dos meninos na instituição e na cidade de Viçosa, buscar outras histórias para além das existentes nos jornais e demais documentos escritos.

Acho válido explorar o significado da idéia de “outras histórias” que está expressa em Muitas memórias, outras histórias. Os procedimentos teórico-metodológicos, em relação ao trabalho com a fonte oral, utilizados pelos autores em sua pesquisa, também me foram úteis em minha pesquisa.

Os autores nos oferecem um estudo cuidadoso sobre a relação entre história e memória que me permitiu ampliar os horizontes de pesquisa, uma vez que nos sugerem a necessidade de colocarmos em nossas investigações o “s” em “memória”, como forma de apreendermos a pluralidade e a diversidade existente no social. Igualmente, nos advertem quanto à urgência em problematizar e inserir a memória no campo das relações, para compreendê-la enquanto espaço de contradições, tensões e lutas hegemônicas:

como qualquer experiência humana, a memória é também um campo minado pelas lutas sociais. Um campo de luta política, de verdades que se batem, no qual esforços de ocultação e clarificação estão presentes na disputa entre sujeitos históricos diversos, produtores de diferentes versões e interpretações (FENELON, 2004, p.6).

Trilhando o caminho profícuo do trabalho com a fonte oral, procurei lidar com a memória, a partir do significado que lhe atribuí os autores de Muitas memórias, outras histórias, para os quais o campo da memória constitui-se enquanto um espaço de tensões constituídas por construções e sentidos atribuídos ao passado que lutam entre si.

No trabalho de produção e análise das fontes orais percebi a existência de muitas memórias em disputas sobre os viveres das crianças e de suas famílias no passado. O diálogo com estes sujeitos colocou-me diante da necessidade de contar outras histórias de suas vidas, expressas por muitas memórias que clamavam por serem ouvidas de outras formas.

Interessava-me trazer para a escrita da história as vivências das crianças e suas famílias no passado, de outras maneiras, para além de como eram vistas e difundidas pelo discurso institucional.

Ao pesquisar os recortes de jornais e periódicos da instituição das décadas de 1970 e 1980, percebi que esse momento histórico foi

marcado pela intensa construção e divulgação da imagem do “menor” carente associada ao mundo do crime e da violência. O discurso institucional sugeria que a “questão do menor” deveria ser tratada como problema de “segurança nacional”.

Esses discursos evidenciam as estratégias do poder público e das classes dominantes da sociedade, pois ao referenciar o problema do menor como problema de segurança nacional, ao apresentá-los como “perigos sociais”, escamoteavam as verdadeiras causas que culminavam no processo de institucionalização. Inserindo o drama vivido por esses meninos na ideologia da segurança nacional, encontravam os argumentos para justificar os projetos e as políticas para tentarem controlá-los.

A memória sobre a infância carente produzida pela instituição não focalizava em nenhum momento questões econômicas, sociais, culturais e políticas fundamentais, como, por exemplo, a desigualdade e injustiça social vivenciada pelos meninos e por suas famílias, principalmente quanto ao acesso ao emprego, à educação e à saúde. A proposta de “regenerá-los”, além de profundamente moralista, camuflava a realidade vivida, além de reafirmar os valores e padrões de conduta das classes sociais dominantes.

Na dissertação problematizo a memória construída pelo poder público sobre os adolescentes e crianças que viveram na FUNABEM. O que mais me indigna é que, decorridas quase duas décadas da disseminação dessa visão, ela parece ainda ter aceitação na sociedade do tempo presente.

Ainda hoje, algumas classes da sociedade civil continuam a ver a solução para o problema da infância e adolescência pobres na “limpeza da cidade” ou na “redução da maioria penal”. O desejo de afastar de seus olhos e do seu meio as “classes perigosas” ainda leva as classes sociais, detentoras do poder econômico e político, a buscar remédios para tal fim. Dentre esses remédios, além das instituições, anos mais tarde foram criadas “soluções” ainda mais cruéis, basta lembrar, por exemplo, o extermínio de milhares de pobres na década de 1990, realizado por grupos institucionalizados – chacinas no Rio de Janeiro: Candelária, Vigário Geral.

Por meio da leitura e análise das correspondências emitidas pelos familiares e amigos tanto aos internos quanto à assistente social e dos Prontuários, compreendi a origem social dos meninos que viveram na FUNABEM de Viçosa. Uma vez que as correspondências

evidenciam as expectativas e os valores das famílias pobres, relacionei suas memórias com a memória da instituição, constituída pela esfera pública, por meio da construção e disseminação do discurso institucional. É possível evidenciar, a partir da análise dos prontuários, a divulgação e ampliação de uma memória sobre o espaço público, que se ancorava na fórmula de associar a situação de pobreza vivenciada por tais famílias, com “desestruturação”.

No entanto, diante da pesquisa das correspondências, percebi que estas desconstroem e dessacralizam a visão pejorativa disseminada nos prontuários em relação às famílias. As descrições dos prontuários, embora façam referências às questões socioeconômicas dessa parcela da população brasileira no passado, tendem a obscurecer a atuação das famílias pobres e seus esforços conscientes no “fazer-se” diário da história. Dessa forma, os prontuários produzem uma invisibilidade das ações dos sujeitos, além de reafirmar a memória hegemônica assentada sobre a visão criminalizante.

Devo destacar que a pesquisa fundamentou-se teoricamente no marxismo inglês contemporâneo, sobretudo, o Thompsoniano. As análises de Thompson (1998) e Raymond Williams (1979) foram também fontes de inspiração para o desenvolvimento do meu trabalho. A partir do diálogo com estes autores, outras possibilidades de ler e interpretar as fontes mostraram-se importantes e necessárias.

A grande contribuição de Thompson (1998) para que eu repensasse o desenvolvimento de meu trabalho é que este autor, ao partir para o diálogo com as evidências, investigando como as relações disciplinares e sociais estavam sendo elaboradas no cotidiano dos indivíduos no capitalismo industrial, problematizou algumas interpretações simplificadoras da realidade, que a princípio pareciam satisfatórias para responder às minhas indagações. Ao mesmo tempo ele coloca conceitos cristalizados em movimento, tal como o conceito de disciplina. Ele amplia o conceito na medida em que não compreende a disciplina apenas do ponto de vista restrito da coerção, vigilância e punição.

Thompson não interpreta as relações disciplinares apenas do ponto de vista restrito das normas ou como uma camisa de força, da qual o indivíduo está preso sem condições de escapar. O autor significa as relações disciplinares enquanto relações de forças, de disputas, de visões de mundo alternativas e antagônicas em constante embate no processo histórico.

Partindo deste suposto – que as relações disciplinares são relações de forças –, percebi, por meio do estudo das fontes, que a capacidade do sistema institucional de organizar as práticas sociais dos internos apresentava fissuras e convivia com rupturas, mudanças e incorporação das ações humanas. O contato com os procedimentos teórico-metodológicos de Thompson (1998), conduziram-se à tentativa de devolver o papel do sujeito na história, bem como me divorciar da herança estruturalista.

O estudo das relações disciplinares, na perspectiva de Thompson (1998), deve abranger os motivos pelos quais as pessoas se convencem a saírem dos seus lugares de origem e ritmos de vida para incorporarem outros. Além disso, o diálogo com este autor me chamou atenção para o fato de que a vida das pessoas ultrapassa o universo fabril ou institucional.

Ao debruçar-me sobre as entrevistas dos ex-internos percebi que o principal motivo que os trouxe do Rio de Janeiro para a FUNABEM de Viçosa era semelhante: a pobreza. Eles têm um passado comum, pois eles vinham do Rio para a instituição marcados por uma vida de miséria, de sofrimentos, de estigmas pejorativos associados às suas identidades. Igualmente, pude perceber por meio de suas narrativas que não só o passado de misérias e de carência do mínimo indispensável para a sobrevivência era semelhante, mas também seus sonhos de estudar, trabalhar e superar a condição de privações vividas em seus ambientes familiares.

Foram os sonhos e esperanças de um futuro mais promissor, os principais motivos do convencimento destes sujeitos a privar-se da convivência com seus familiares, amigos e com as belezas e praias do Rio de Janeiro, e virem para a FUNABEM em Viçosa. Agarrados em suas expectativas de ascensão social, convenceram-se a deixar seus ritmos de vida para incorporar outros.

As fontes evidenciam que a vida dos meninos ultrapassava o universo institucional. Em suas narrativas emergem experiências vivenciadas em outros espaços de sociabilidade, que constituíram seus modos de viver.

Nesta direção, discuti as diferentes memórias dos sujeitos em relação aos passeios nos finais de semana no centro comercial de Viçosa, na perspectiva de problematizar a visão construída sobre os internos e o tratamento dispensado a eles pela sociedade viçosense. Os passeios

no centro da cidade, evidenciados nas narrativas, apontam para relações sociais, algumas vezes tensas, entre as crianças e outros espaços sociais. Além das percepções, concepções políticas, e sentimentos imbuídos nestas narrativas, pude compreender como as crianças experimentavam relações sociais para além do cotidiano institucional, e como ocorria a interação entre as crianças e a sociedade viçosense.

Os ex-internos evidenciam por um lado, como lidavam com olhares, muitas vezes estigmatizantes, e os esforços empreendidos para vencê-los, e por outro, como suas relações com a cidade se modificam ao serem desligados da instituição.

Justaposta à noção de movimento do processo histórico, trabalhei com o conceito de “experiência” e “hegemonia”, daí as análises de Thompson e Raymond Williams como suportes essenciais para a construção dos caminhos trilhados nesta pesquisa.

Williams nos propõe pensar o conceito de hegemonia entendido em uma perspectiva mais ampla, que ultrapassa as noções de ideologia e cultura, em seus sentidos restritos de dominação e manipulação.

A noção de hegemonia tal qual trabalhada por Williams, não pode ser reduzida a um sistema formal de idéias, produzido por determinada classe dominante. O autor nos adverte que a idéia de ideologia não pode ser pensada isoladamente do processo cultural como um todo, isto é, como conjunto de experiências vividas na prática social:

A realidade de qualquer hegemonia, no sentido político e cultural ampliado, é de que, embora por definição seja sempre dominante, jamais será total ou exclusiva. A qualquer momento, formas de política e cultura alternativas, ou diretamente opostas, existem como elementos significativos na sociedade (WILLIAMS, 1979, p.116).

Partindo deste suposto – de que não existe no campo cultural um processo ideológico total e que, portanto, o “hegemônico” só existe em embates com outras possibilidades – busquei ler nas fontes como ocorriam as relações hegemônicas no espaço institucional da FUNABEM de Viçosa, e também fora da dinâmica de seus muros. As cenas reconstruídas na memória dos narradores evidenciam lutas hegemônicas no cotidiano institucional e na cidade de Viçosa.

Dessa forma, pude compreender, por um lado, como os meninos que viveram na FUNABEM de Viçosa disputavam a hegemonia institucional por meio de formas alternativas de hegemonia. Por outro, como estes sujeitos disputavam a cidade de Viçosa,

principalmente depois de desligados da instituição, quando começam a lutar para conquistar seus espaços neste lugar.

As fontes evidenciam que nestas lutas hegemônicas não havia vencidos nem vencedores definitivos, mas em seu lugar, expectativas e desejos a serem conquistados ou frustrados, e que, hoje, são significados diferentemente pelos sujeitos.

Foi justamente nesse momento de rever a dissertação para produzir o presente artigo, que muitas questões começaram a se tornar mais claras para mim, como, por exemplo, a idéia de outras histórias, entendida agora de uma perspectiva menos dicotômica.<sup>2</sup> Percebi o caráter provisório de minha pesquisa, uma vez que, o trabalho com muitas memórias é um trabalho que não finda, mas que finalizei devido ao tempo limitado para escrever a dissertação.

Pude concluir que o estado de privações e intensa pauperização vivido por muitas crianças brasileiras, no passado e no presente, tem se configurado enquanto um problema político e social, e não uma questão de polícia. Eis um problema que precisa ser pensado, repensado e principalmente extirpado. Acredito que uma das formas de intervir e transformar a dura realidade vivida por grande parte da infância brasileira é, primeiramente, buscar compreendê-la.

Nesse sentido, acredito que a importância de minha pesquisa não deve estar no fato de oferecer ao leitor respostas prontas para todas as questões, mas contribuir para fazer avançar o conhecimento sobre

---

<sup>2</sup> Acho importante explorar a noção de “outras histórias” para não reduzir seu significado. O “outras” não é necessariamente, o outro lado do discurso institucional, não significa exatamente a idéia de confrontar de um lado a memória dos ex-internos, e do outro, a da instituição, como se fossem campos homogêneos de memórias, ou campos de memórias opostos.

Nesse sentido, busquei no trabalho com “muitas memórias” associar a idéia de “outras histórias” à noção de relação que se constrói, pensando que “outras” não quer dizer necessariamente oposição, pois ao longo do trabalho podemos perceber que a prática institucional construía memórias que em alguns aspectos alcançou a concordância dos internos e seus familiares. Busquei compreender a idéia de “outras histórias” tendo em vista o movimento de memórias em disputas sobre o passado na instituição.

Trata-se de perceber que numa sociedade de conflitos, os sujeitos estão se movimentando nem sempre em oposição ao que está colocado por memórias e ideologias hegemônicas. Ao mesmo tempo, a idéia de “outras histórias” aponta para a necessidade de colocarmos “as dissidências no centro do fôo” (SARLO, 1997, p. 60), e atentarmos para as mudanças, rupturas e permanências ao longo do processo histórico. Evidenciando, dessa forma, outros desejos e projetos presentes na sociedade.

Interessava-me, portanto, buscar a partir de “outras histórias” modos de compreender as experiências compartilhadas pelos ex-internos da FUNABEM de Viçosa, trazendo à escrita deste trabalho a construção de memórias ora em cooptação, ora em confronto.

nossa sociedade, a partir da compreensão das experiências e dos modos de vida e luta de meninos pobres que viveram na FUNABEM de Viçosa.

Ao escrever “Vou procurar o melhor lá dentro”: vivências e memórias de crianças e adolescentes na FUNABEM (Viçosa, 1964-1989), minha intenção de realidade é que esta obra historiográfica não se transforme em mera abstração, que não seja simplesmente uma forma de ver e explicar a realidade. Gostaria que ela pudesse ser uma das possibilidades de melhor conhecer, para transformar, o drama social vivido ao longo do processo histórico por famílias pobres brasileiras.

Cheguei ao final da pesquisa com muitas dúvidas, questões que permanecem abertas e com apenas uma certeza: desde o momento histórico do Cléber,<sup>3</sup> Mário<sup>4</sup> e Luís<sup>5</sup>, ex-internos da FUNABEM de Viçosa, tem-se buscado algo para amenizar a situação perversa em que viviam e vivem muitas crianças pobres no país.

No entanto, mesmo com a transição do Código de Menores para o ECA, e as conseqüentes alterações propostas pela legislação em relação aos cuidados devidos à infância, o que vemos na realidade é que tais mudanças não são suficientes para superar a miséria vivida por muitas famílias no Brasil. Tem sido difícil levar a muitos adolescentes e crianças carentes os direitos que lhes são garantidos por lei e negados na prática. E qual a nossa parcela de responsabilidade nisso, e nosso papel na dinâmica do social enquanto historiadores? Como aliar a inclusão social à escrita da história?

A realidade social nos desafia continuamente a construir um trabalho intelectual mais politizado. Acredito que fazer um trabalho comprometido politicamente com a realidade que pesquisamos é, no mínimo, dar visibilidade às articulações de forças, aos embates e à potência dos sujeitos sociais. É pensar a história como processo e possibilidade de transformação e trazê-la para a vida, para a experiência social.

---

<sup>3</sup> Tupitinim Cléber Martins Costa – 34 anos, viveu na FUNABEM entre os anos de 1983 e 1990. Atualmente, é cabeleireiro no Salão do Balbino, na Avenida Santa Rita, no centro comercial de Viçosa/MG. Entrevista realizada no dia 13/12/2005.

<sup>4</sup> Mário Luciano Santos Maia, 43 anos, viveu na FUNABEM de Viçosa entre os anos de 1976 e 1979. Atualmente, é funcionário da Universidade Federal de Viçosa. Entrevista realizada no dia 10/8/2005.

<sup>5</sup> Luis Martins Carvalho – conhecido como “Luis Baiano” – viveu na FUNABEM de Viçosa entre os anos de 1974 e 1982. Atualmente, é funcionário do Restaurante Universitário, na Universidade Federal de Viçosa. Entrevista realizada no dia 13/12/2005.

Referências Bibliográficas:

BARBERO, Jesús Martin. Ideologia: os meios como discurso do poder. In: \_\_\_\_\_. Ofício de cartógrafo. Travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Edições Loyola, 2004. p.45-108.

FENELON, Déa Ribeiro et al (Orgs). Muitas memórias, outras histórias. São Paulo: Editora Olho d'água, 2004.

SARLO, Beatriz. Paisagens imaginárias. São Paulo: EDUSP, 2001.

THOMPSON, E. P. A miséria da teoria: ou um planetário de erros. Uma crítica ao pensamento de Althusser. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

\_\_\_\_\_. Tempo, disciplina de trabalho e o capitalismo industrial. In: \_\_\_\_\_. Costumes em comum. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 267-304.

VENTURA, Zuenir. Cidade partida. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

WILLIAMS, Raymond. Hegemonia. In: \_\_\_\_\_. Marxismo e literatura. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. p.111-117.

Artigo recebido em maio de 2007 e aprovado em junho de 2007.